



Relato de Campo

Centro Educacional e Esportivo Raul Tabajara

Data: 06/07/2011 e 29/07/2011

Entrevistado (nome/função): Hélio Gomes de Paula,
técnico esportivo do Programa Clube Escola no CEE
Raul Tabajara

Pesquisadora: Aira Bonfim

Redatora: Aira Bonfim

Revisora: Nahema N. Falleiros

Resumo

O Centro Educacional e Esportivo (CEE) Raul Tabajara é um equipamento público destinado à prática esportiva e cultural, através de atividades gratuitas direcionadas a diferentes públicos de faixas etárias. Através da administração direta da Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (SEME), o clube atende as comunidades do bairro da Barra Funda, próximas da Avenida Rudge.

Atividades como tai chi chuan, circo, ginástica, teatro, natação e futebol são oferecidas no local. O centro foi contemplado por um dos principais programas públicos de educação esportiva, voltado para o futebol infantil: o Clube Escola. Trata-se de uma atividade de extensão escolar voltada para os alunos da rede pública de ensino.

O CEE Raul Tabajara localiza-se na Rua Anhanguera, 484, esquina com a Avenida Rudge no bairro da Barra Funda.

Na ocasião da visita ao CEE Raul Tabajara, Hélio Gomes de Paula, professor de futebol do projeto Clube Escola, foi entrevistado pela pesquisadora do CRFB, Aira Bonfim. Hélio é funcionário público municipal concursado desde o ano de 1990, e atua desde então como técnico esportivo nesse local. Mineiro de Belo Horizonte e ex-jogador de futebol profissional, ele começou a carreira no Cruzeiro Esporte Clube. Passou depois por América Futebol Clube, de Belo Horizonte, Valeriodoce Esporte Clube, de Itabira, Esporte Clube São José, de São José dos Campos, Associação Esportiva Guaratinguetá e Avaí Futebol Clube de Florianópolis.

A primeira iniciativa de visita ao CEE Raul Tabajara aconteceu na data de 6 de Julho de 2011, nessa ocasião, a pesquisadora foi impedida de realizar o mapeamento por falta de autorização da SEME. A entrevista foi então remarcada para dia 29 de Julho do mesmo ano, depois de resolvidos todos os tramites burocráticos.

O contato do Centro Educacional e Esportivo Raul Tabajara foi adquirido através do Super Guia de Futebol em São Paulo, da editora Comunicação Yupik.

O CEE Raul Tabajara foi identificado como local de prática de futebol, tanto amadora como de ensino. A pesquisadora teve acesso à área de ensino, já que a visita foi realizada durante um dia da semana em horários comercial.

O local apresentou-se como um espaço de articulação cultural e esportiva, graças a iniciativas como, no passado, a de Mario de Andrade e recentemente a do Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA).

Há prática de futebol aos fins de semana, mas não houve aprofundamento a respeito dessa ocupação. Hélio, professor entrevistado, revelou facetas interessantes sobre a atuação do projeto Clube Escola no equipamento, assim como sobre sua maneira particular de ensinar a jogar e sua experiência no futebol profissional. O Clube Escola faz parte de um programa da prefeitura do município de São Paulo criado em 2007. Trata-se de uma atividade de extensão escolar, voltada para os alunos da rede pública de ensino. Ao aproveitar a malha de equipamentos esportivos já existentes na cidade, diferentes programas esportivos e culturais são oferecidos pelo poder público gratuitamente à população. De acordo com os dados disponibilizados pela prefeitura, o programa atende atualmente 230 mil usuários em 100 lugares da cidade. Fazem parte do Clube Escola todos os 41 Clubes da Cidade.

Relato

Em uma travessa da Avenida Rudge, há um espaço arborizado, bem diferente do entorno barulhento causado pelo trânsito intenso das importantes avenidas do bairro da Barra Funda. Nessa construção localiza-se o Centro Educacional e Esportivo Raul Tabajara¹. A arquitetura do prédio é antiga, datada do início do século XIX. Toda a construção encontrava-se restaurada na ocasião da primeira visita ao local feita pela pesquisadora do CRFB, Aira Bonfim.

Há um teatro integrado ao CEE Raul Tabajara, fruto de um projeto original de Mário de Andrade quando este ocupava o antigo Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, na década de 1940. Sua ideia era a constituição de um espaço onde o lazer, o esporte e a cultura convivessem de maneira integrada. No ano de 2003, o Projeto CUCA, ligado à União Nacional dos Estudantes (UNE), passou a ocupar esse espaço, dividindo o palco de Mario de Andrade com grupos de teatro e música da cidade. Porém, em 2005, tal espaço extinguiu-se durante a gestão do então prefeito de São Paulo, José Serra.

Havia pessoas de idades diferentes praticando as muitas atividades oferecidas no clube, como por exemplo: tai chi chuan, circo, ginástica, teatro, natação e futebol. O campo não é muito grande, menor do que as dimensões oficiais. Mesclado de terra, areia e gramado, encontra-se cercado por grandes árvores dos dois lados, com bancos e parquinho infantil. Atrás dos gols fica a tenda do circo.

O CEE Raul Tabajara é um equipamento público de administração direta da SEME. Todos os seus funcionários são contratados através de concurso. Nele são oferecidas diversas atividades voltadas a para as mais diferentes faixas etárias. O ensino e a prática do futebol não são atividades exclusivas, no local.

Na manhã do dia 6 de Julho de 2011, crianças entre nove e dez anos

1 Raul Tabajara: a escolha do nome do clube é na verdade uma homenagem a um dos maiores nomes da narradores esportivos. Foi um dos homens mais importantes nos primórdios da televisão brasileira, narrando e transmitindo jogos de futebol na TV Record.

treinavam futebol vestidas com os coletes do Programa Clube Escola e com chuteiras novas. Alguns pais assistiam o jogo de futebol durante o treino dos filhos. Chamou a atenção da pesquisadora a presença de crianças bolivianas no grupo de atletas mirins. “Treinador! Ainda é 10h50! Tá todo mundo de férias!”, foi ouvido de um dos alunos logo que o apito do treinador soou finalizando a aula. Mesmo relutantes todos os alunos pegaram suas mochilas e saíram do campo. Em seguida, receberam os lanches (uma barra de cereal) que o projeto Clube Escola oferece.

Conforme o treinador Hélio que trabalha no local há quinze anos, as aulas de futebol para crianças acontecem todos os dias, durante dois períodos, manhã e tarde. Não há atividades no período da noite por falta de iluminação e em razão do horário de fechamento do clube. O campo é ocupado por times adultos ou de veteranos nos fins de semana, como uma atividade de lazer.

Raimundo, diretor do clube, apresentou todo o espaço do centro esportivo à pesquisadora do CRFB. O mesmo contou que durante os últimos anos o clube perdeu muito espaço para a Secretaria de Bem Estar Social. Seu antigo ginásio, por exemplo, foi transformado em um albergue para que moradores de rua, da região, pudessem passar a noite e guardar suas carroças. Segundo ele, esse “ex-espaço” do clube, sediou, antigamente, o primeiro time de basquete de cadeirantes da cidade de São Paulo.

Também foi informado que no dia 18 de Setembro do ano de 2011, haveria no local, das 8h as 18h, um Festival de Futebol, com os times adultos que usam o campo do clube. Esse evento aconteceria durante a programação da Virada Esportiva, organizada pela SEME. Iriam participar times amadores com idades variadas, e que praticam o futebol apenas como atividade de lazer.

Raimundo mostrou um documento recente da SEME proibindo qualquer funcionário do clube a ceder entrevistas ou imagens do clube sem autorização prévia. Pediu para que o Museu do Futebol enviasse um pedido formal para que ele pudesse intermediar a autorização desse documento, pois se mostrou interessado em incluir o CEE Raul Tabajara no mapeamento do CRFB. Os tramites foram obedecidos e a pesquisadora retornou ao local no dia 29 de Julho de 2011.

Devidamente autorizada a entrevista foi realizada com o professor Hélio Gomes de Paula, técnico de futebol do clube, como preferiu ser identificado, já Raimundo, diretor do Centro Esportivo, não quis ser entrevistado. Hélio é

funcionário público municipal concursado desde o ano de 1990, e atua desde então como técnico esportivo nesse local. Mineiro de Belo Horizonte e ex-jogador de futebol profissional, ele começou a carreira no ano de 1970, jogando dois anos pelo Cruzeiro Esporte Clube. Em 1973, jogou no América Futebol Clube, em Belo Horizonte, e posteriormente no Valeriodoce Esporte Clube, de Itabira, em 1978. Em 1979, foi convidado para atuar no Sport Club Corinthians Paulista, porém na ocasião da mudança para a cidade de São Paulo, o mesmo time se encontrava em uma disputa em Londrina, e segundo Hélio, nesse meio tempo, recebeu outro convite de contratação, da parte de Otavio Miranda, para atuar em um time da segunda divisão, o Esporte Clube São José – conhecido como “Formigão do Vale”, e, posteriormente, modificado para “Águia do Vale”. No ano seguinte tornam-se campeões. A Associação Esportiva Guaratinguetá foi seu time posterior, onde veio a se machucar no ano de 1981. Com seu passe de jogador em mãos, mudou-se para o time do Avaí Futebol Clube de Santa Catharina. Em uma disputa entre Avaí e Figueirense Futebol Clube, machucou com gravidade o colo do fêmur e foi obrigado a passar os dois anos seguintes em tratamento. Sem perspectivas de continuar jogando, decidiu parar de atuar profissionalmente e recebeu seus direitos e seguro do time do Avaí.

Segundo Hélio, há pelo menos 13 anos, antes de sua chegada ao CEE Raul Tabajara, já se jogava futebol no local. Bira era o técnico antes dele, também ex-jogador, e com quem aprendeu muito a respeito da prática de se ensinar futebol. Foi citada inclusive a presença de dois times de futebol feminino que foram dirigidos por Bira nos anos de 1988-1989. Porém, segundo Hélio, havia muitas brigas entre as próprias atletas, inclusive com o próprio técnico. Por esse motivo os times se extinguíram há alguns anos.

Esse equipamento público oferece partidas entre atletas veteranos nos fins de semana durante o dia. São times que jogam por diversão e entretenimento. Hélio não acompanha esse movimento que acontece aos fins de semana e na ocasião da entrevista não havia outras pessoas disponíveis para dar mais detalhes sobre isso.

Mas além das “peladas” citadas, o futebol é levado a sério durante as aulas de Hélio, como ele próprio contou. O grupo de garotos está dividido em duas categorias: de sete a doze anos e dos treze aos dezessete anos. Os meninos treinam duas ou três vezes por semana, das 8h30 às 11h00 horas. A rotina diária é dividida em diferentes momentos: preleção, alongamento,

aquecimento, força muscular/orgânica, concentração e jogo.

Hélio enfatiza que os meninos recebem um treinamento completo apesar das condições precárias disponíveis pelo próprio clube. Disse não esconder dos alunos que o futebol não é só um mar de rosas, e, durante as aulas, compartilha das experiências boas e ruins que presenciou durante os seus anos de carreira profissional. Segundo ele, o ensinamento passa pela dor, pela briga, por ganhar e perder, e inclusive, pelas cobranças de um comandante.

O centro esportivo já recebeu, em outras épocas, professores de diferentes modalidades de esportes que contribuíam para a formação esportiva de seus frequentadores. Hoje em dia, segundo Hélio, há poucos profissionais. O próprio entrevistado se queixou de estar sozinho na área do futebol. Também não faltaram críticas em relação à falta de lanches (ou mesmo a qualidade dos mesmos), a falta de equipamentos básicos para o trabalho (bola, por exemplo) e a baixa remuneração (Hélio trabalha todos os períodos da manhã no clube, e nos outros horários é professor de futebol na Faculdade Belas Artes).

Na ocasião da visita, havia aproximadamente 100 meninos participando do programa. Não eram apenas moradores do entorno do bairro da Barra Funda, alguns chegavam acompanhados dos pais, de bairros distantes como Franco da Rocha, Osasco, Cachoeirinha e Vista Alegre. As aulas de futebol dadas por Hélio são divulgadas principalmente pelo boca a boca, já que não há verba disponível para divulgação (apesar de haver, como contrapartida, cobrança do número de alunos pela SEME).

Muitos pais assistiam às aulas das crianças, Hélio comentou que procura estabelecer um diálogo com os pais para que a disciplina transmitida para os garotos, durante os treinos, seja transmitida para outras esferas de suas vidas e mantida em casa. Também disse trabalhar com pais ansiosos, principalmente no caso de garotos que se destacam em campo. Existe um forte desejo de que a criança se profissionalize e desponte na área do futebol, mas como isso acontece com pouquíssimos atletas, a frustração gerada é muito maior do que todo o trabalho desenvolvido. Quando Hélio observa algum garoto com potencial, conversa com a família e os encaminha para alguma peneira de testes. Nesse caso, é a família que se responsabiliza por realizar o teste já que essa não é a intenção do projeto Clube Escola.

“Auto-equilíbrio” foi uma das palavras mais citadas por Hélio para descrever a prática do futebol com as crianças. Comentou também a respeito do fácil acesso a informação e conhecimento dos meninos dessa geração. Por

esse motivo estimula e cobra resultados nos estudos também. Para Hélio, conhecimento é a única coisa que não se pode tirar de uma pessoa. A profissão de jogador é muito dinâmica, cheia de altos e baixos e mexe diretamente com o corpo e o ego do indivíduo. Por esse motivo é necessário muito equilíbrio. Em um dado momento da entrevista, lembrou-se do período em que era reconhecido na rua, os valores de seus salários, a mídia, o nome sendo gritado pela torcida, e de como de um dia para o outro, tudo isso pode desaparecer, e dessa forma. Como “testemunha viva”, Hélio tenta transmitir essa experiência para os garotos.

Foi notada a presença de garotos estrangeiros entre os alunos, questionado a respeito da presença dessas crianças, Hélio disse haver pelo menos dez meninos vindos da Bolívia e Peru, misturados nas turmas. Segundo ele, não há segregação e os garotos se interessam por futebol já que estão se integrando aos costumes do Brasil. Em contrapartida, os meninos não deixam de ser notados tanto pelos traços físicos como pela própria língua natal. Na ocasião do jogo, um desses meninos estrangeiros foi observado jogando. No momento em que errou um passe, logo ouviu: “Ô boliviano! Passa essa bola direito!”

Muitas meninas querem jogar futebol, segundo Hélio, entretanto a ausência de mais professores impede que haja abertura desse esporte para o gênero feminino. Mesmo com esse impedimento, Hélio narrou o episódio de uma menina chamada Mariana, de dez anos, que insistiu tanto e foi tão determinada que ele a aceitou nos treinos junto aos meninos. Ela se entrosou e participou muito bem dos jogos, só saiu por motivo de mudança de horário na escola.

A turma de Hélio participa de campeonatos durante o ano todo (Copa da Cidade e competições menores). Ele enfatizou que é muito importante ter consciência da qualidade técnica do time que treina, assim como do time adversário. Disse não ser saudável haver discrepância nos resultados de vitória ou mesmo de derrota, pois, os meninos precisam competir com times de mesma equivalência técnica para sempre se sentirem estimulados e motivados e, nunca falsos vencedores ou falsos derrotados. As categorias de sub-12 e sub-15 já jogaram contra os times da Associação Portuguesa de Desportos, Associação Desportiva São Caetano, Sport Club Corinthians Paulista e São Paulo Futebol Clube.

O acervo material do CEE Raul Tabajara se resume a alguns troféus de campeonatos ganhos pelas próprias crianças, mas esse material é mal guardado segundo o professor, na sala da diretoria do Clube (não foi possível ter acesso a esse material durante a visita). Não há outros cuidados com a apreensão de imagens fotográficas ou mesmo de vídeos. O apoio à salvaguarda da memória pareceu ser muito precário dentro desse equipamento público. Os materiais de trabalho e treino encontravam-se gastos, a diferença do cuidado com as áreas físicas desse mesmo espaço público. Hélio comentou que costuma tirar do próprio bolso o dinheiro para a compra da bola de treinamento, assim como o conserto da trave, a propaganda e até a pintura do muro lateral. Mesmo com os problemas, disse que o prazer e o amor pelo que faz são seus maiores motivadores.

O espaço ocupado pelo albergue Boracéia foi mencionado com certo incômodo pelo treinador. Segundo o próprio, foi resultado das ligeiras e más administrações de gestores que já passaram pelo equipamento. Hélio contou que a comunidade fez um abaixo assinado há alguns anos, forçando uma solução para que os moradores de rua não passassem com suas carroças na Rua Anhanguera (rua da entrada do clube). A solução da prefeitura foi tomar o espaço do ginásio coberto, nos fundos do clube, e, transformá-lo em abrigo e estacionamento desses objetos. Para o professor, foi uma grande derrota, já que o ginásio sediava muitas atividades esportivas, inclusive o primeiro time de basquete de cadeirantes da cidade de São Paulo, além de garantir as atividades de futebol nos dias de chuva